

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

que o comentador descobre confluções de termos até agora ignoradas. Muito penetrante é ainda o seu estudo dos grafemas vocálicos e ditongais *ε*, *ev*, *ov* (pp. 74-78) cuja confusão frequente nos copistas tem induzido mais de um editor arguto em lições erróneas.

Jackson nunca é enfadonho na argumentação, embora cubra um campo ingrato, e matiza as suas páginas de um colorido e de reflexões literárias, que provam ainda um vasto conhecimento das letras modernas e o situam à altura do ideal do verdadeiro humanista definido no princípio destas linhas.

Luis DE SOUSA REBELO

MANLIO SIMONETTI, *Studi agiografici*. Roma, Angelo Signorelli Editore, 1955. 136 pp.

Podemos sem receio afirmar que estes *Studi agiografici* representam um contributo valioso para o estudo da literatura cristã dos primeiros séculos.

Conquanto Manlio Simonetti, num ou noutro caso, tenha ficado apenas no campo das hipóteses, na maioria das vezes resolveu com inteira proficiência problemas delicadíssimos de atribuição, autenticidade, crítica textual e cronologia. Examina, com renovada atenção, assuntos sobre os quais competentes críticos pareciam ter dito a última palavra. Com Ettore Paratore, prefaciador da obra, podemos afirmar que a solução proposta pelo A. é sempre, ou pelo menos as mais das vezes, honesta, ainda que sintamos à primeira vista a tentação de seguir uma hipótese contrária.

Cinco capítulos compõem o estudo que passamos a examinar.

O primeiro, ao qual o A. dá maior desenvolvimento, trata dos *Actos* do mártir de S. Piônio, documento dos mais interessantes da hagiografia de Esmirna e considerado, através dos tempos, de grande valor, visto o seu autor confessar ter-se sen/ido, para elaboração do seu trabalho, de um documento escrito pelo próprio mártir. Conhecem-se, além de uma redacção numa língua oriental e de pouco valor, duas outras redacções, uma em grego e outra em latim, que sempre mereceram o crédito dos estudiosos. Mas terão, de facto, estes *Actos* o mérito que se lhes atribui? Ou, pelo contrário, terão sido refundidos? Se o foram, em que medida? É o que o A. se propõe estudar.

Do exame sistemático dos vários capítulos, em confronto por vezes com outras *Paixões*, pôde concluir «provisoriamente», o seguinte: «A um grupo central de capítulos (10-18) que, exceptuados poucos pontos, têm todo o cunho de autenticidade, contrapõe-se uma parte inicial (cc. 2-9) e uma parte final (cc. 21-23), absolutamente cheias de particularidades inverosímeis, de lugares-comuns, de evidentes reminiscências dos escritos dos apologistas e da *Paixão* de Policarpo. Dos dois interrogatórios oficiais, o primeiro é cheio de interpolações e quase pode considerar-se inserido todo ele posteriormente. O segundo, pelo contrário, posto que não isento de traços suspeitos, é, no seu conjunto, aceitável.»

Depois, examinados o texto e as notícias que sobre tal assunto nos chegaram, conseguiu distinguir o A. três sucessivas estratificações: a primeira constituída pela narrativa autobiográfica de Píónio; a segunda pela *Paixão* que um desconhecido autor compôs, baseado em documentos existentes; e a terceira representada pelas interpolações posteriores, entre elas a que coloca o martírio de Píónio no tempo de Décio.

A data do martírio que vem nos *Actos* — ano de 250 — e é a data communmente aceite, excepto por Eusébio, que supõe o martírio sob o governo de Marco Aurélio, constitui um problema cuja solução o A. anunciou já no primeiro capítulo, confirmada agora com a verificação da interpolação deste passo. Também Manlio Simonetti é de parecer que o colocar-se o martírio de Píónio sob Décio ou Diocleciano é um processo muito habitual na hagiografia, devido à tendência para situar qualquer martírio no tempo das mais violentas perseguições e ao mesmo tempo para desculpar da fama de perseguidores dos cristãos alguns imperadores, como os Antoninos.

Muito mais complexo talvez, por não se poder chegar a conclusões tão satisfatórias, é o segundo capítulo que se refere aos *Actos* de dois mártires da Panónia, Santo Ireneu e S. Polião.

Dos *Actos* do primeiro existem duas redacções, uma em grego e outra em latim. Posto que concordem nos traços fundamentais, divergem nalguns aspectos particulares e divergem também as opiniões acerca da sua originalidade. Sustenta Tillemont a opinião de que o texto original deve ter sido escrito em grego, se bem que perdido; dele teriam derivado as duas redacções que nos chegaram às mãos — a grega e a latina. Mazzocchi, considera, pelo contrário, original a actual redacção latina, baseando-se no facto de que na Panónia se difundiu, depois da conquista romana, a língua latina e não a grega; a actual redacção grega derivaria de uma da mesma língua, mas que se perdera.

Segundo o A., tudo nos leva crer que a actual redacção latina derive de uma grega, pois o exame filológico do texto mostra-nos que determinados vocábulos e construções são traduções evidentes do grego. Todavia, é necessário verificar se

a sua filiação deve ser tomada em relação à redacção que possuímos, ou em relação à grega perdida. Como os passos latinos que não encontram correspondência na nossa redacção grega se limitam a lugares-comuns que aparecem também em *Paixões* gregas ou traduzidas do grego, facilmente se poderia deduzir que a filiação da latina deveria estar numa redacção grega perdida. Tal conclusão, bem clara e lógica à primeira vista e pela qual o A. parece optar, não pode considerar-se definitiva, pois, segundo o próprio Simonetti, as expressões e fórmulas de origem grega, pertencentes exclusivamente à versão latina, estenderam-se também ao campo latino, como podemos observar nos *Actos* de Crispina.

Se aceitamos a hipótese de um texto grego perdido, base da redacção latina subsistente, resta-nos agora saber qual a relação com o texto grego em nosso poder. Tillemont considerou original, em relação ao texto latino, um texto grego perdido, porque o grego que possuímos, representando mais uma forma de elogio, de panegírico, que de *Paixão*, poucas garantias nos oferece. O confronto, porém, dos dois textos até nós chegados, levou o A. a concluir que o texto grego é mais completo e mais perfeito que latino; enquanto naquele se usa o discurso indirecto, neste aparece o directo; se admitimos ter derivado a redacção latina de uma grega perdida, esta deverá derivar por sua vez da grega que até nós chegou e da qual se diferenciava somente pela junção de algumas expressões típicas do estilo hagiográfico e pela tendência de representar em forma de diálogo alguns aspectos particulares que na fonte eram contados em forma narrativa. Todavia, se se não aceita a hipótese de um texto perdido, fica provado que a redacção latina deriva da actual grega.

Mas outro problema surge ainda. Que valor se deve atribuir ao texto grego que conhecemos?

Os P.^{es} Bollandistas, Tillemont e Mazzocchi, consideram-no mais um panegírico, um elogio a Santo Ireneu que verdadeiros *Actos*. De facto, da análise desta versão podemos tomar como certo, apenas, que o mártir foi decapitado e o seu corpo lançado no Save. O resto é um conjunto de expressões típicas, lugares-comuns, e de fraco valor, portanto. É natural, por isso, que o seu autor não se tenha servido de uma redacção mais antiga e de valor, mas sim do vasto reportório de lugares-comuns que se formou em torno do mártir. Uma vez demonstrado o fraco valor de toda a tradição sobre Ireneu, «nenhuma dificuldade subsiste em admitir que em idade mais tardia se pensasse em modificar em forma de verdadeiros *Actos* (a actual redacção latina e talvez a grega perdida) uma obra sobre o martírio de Ireneu (a actual redacção grega) que apresentava sobretudo forma de elogio».

Ligados aos *Actos* de Ireneu estão os de S. Polião. A relação entre um santo e o outro não está só em Polião ter sido martirizado na mesma região, mas ainda em que esta *Paixão* recorda expressamente que o martírio de Ireneu se tinha dado

pouco antes. Também estes *Actos* gozaram de boa fama, mas, depois de analisados, o A. conclui que tal Paixão é igualmente um agregado de lugares-comuns, sem particularidade alguma que mereça confiança : nem sequer se pode postular a existência de um documento antigo, e de crédito, utilizado pelo autor do texto.

O capítulo seguinte refere-se a alguns problemas que os *Actos* do martírio de Máximo, e os de Pedro, André, Paulo e Dionísia suscitam. |

Entre estes dois grupos de *Actos* e os de Carpo, Papilo e Agatónica, viu Lietzmann alguns pontos de contacto : o mesmo procônsul de nome Ótimo a presidir ao julgamento, o aparecer em todas elas um cristão que faz a sua própria acusação. Assim, todas estas três Paixões teriam sido traduzidas e transmitidas em conjunto e sofrido influência montanista.

Analisa cuidadosamente o A. os textos dos *Actos* para indagar da sua estrutura e carácter, e chega à conclusão de que a *Paixão* de Máximo não passa de um amontoado de lugares-comuns, sem o mínimo pormenor digno de fé e que revele autenticidade, pelo que se deve considerar do século iv e não do II, como pretendeu Lietzmann.

Depois, pôde distinguir na *Paixão* de Pedro e Companheiros duas partes distintas. A primeira, o martírio de Pedro, é bastante diferente da segunda — *Actos* de André, Paulo e Dionísia. Enquanto os *Actos* de Pedro se nos apresentam quase desprovidos de autoridade, cheios de lugares-comuns e expressões típicas, os outros contêm expressões típicas em menor número, e a narrativa gira à volta de dois acontecimentos miraculosos : a morte do apóstata Nicómaco e a prodigiosa aparição do jovem que salva a pureza de Dionísia.

Para resolver esta dificuldade, e na falta de texto grego, recorreu o A. à *Menaia* bizantina. Depois de um confronto sério, pôde formular, além de outras, as seguintes conclusões:

— A *Menaia* bizantina concorda com a narrativa dos *Actos* de Pedro, excepto no nome do procônsul — naquela Décio — o que leva a crer que já Lietzmann tinha razão em dizer que «Ótimo» era tradução de *Optime* (cônsul), tomado erradamente como nome próprio. No confronto com a segunda parte, pelo contrário, aparecem grandes divergências. Mas, porque a redacção grega (ainda que não integral) é mais simples, sem os dois milagres, nem acontecimentos extraordinários, fácil nos é concluir que foi escrita primeiramente que a latina, e por isso mesmo, também dentro da própria versão latina a segunda parte deve ser considerada como posterior em relação à primeira.

— O martírio de 'Dionísia, devido ao seu carácter lendário, não deve supor-se ligado aos *Actos* de Máximo, Carpo e companheiros, como pretendia Lietzmann. A narrativa, todavia, poderá estar na sua dependência, se, de facto, alguma relação existe entre esta e aquela.

— Analisando os dois milagres, de Nicómaco e de Dionísia, podemos concluir ser provável haver neles influência montanista.

«Algumas observações sobre os *Actos* de Carpo, Papilo e Agatónica» constituem o assunto do quarto capítulo.

As duas redacções mais importantes que se conhecem destes *Actos* são uma em grego e a outra em latim. Os estudiosos não são unânimes em atribuir o mesmo valor a cada uma delas. Até ao descobrimento da latina atribuíam-se grande valor à grega, que se supunha identificada com o texto do martírio possuído por Eusébio. Franchi, porém, negou-lhe valor considerando a redacção latina mais próxima do original, porque mais reduzida, sobretudo nos passos em que a grega apresenta inverosimilhanças. Lietzmann examina de novo o problema, para concluir que tanto uma como a outra são diferentes da redacção original, e é de opinião que a esta pertencem apenas os pontos nos quais as duas redacções convergem e uma ou outra particularidade contida em qualquer das redacções. Delehay, em 1940, voltou a atribuir grande valor à latina, na qual considerou de importância secundária somente as expressões finais e iniciais.

Feito, todavia, o exame dos dois textos, em confronto, não só com os *Actos* de Máximo e de Pedro, mas também com outras *Paixões*, concluiu o A. que tanto crédito nos merece a redacção grega como a latina, pois, exceptuando uma breve expressão, todos os passos de uma que não encontram paralelo na outra são apenas um conjunto de lugares-comuns e expressões típicas pouco aceitáveis, próprios de *Paixões* mais tardias; além disso, não se pode identificar a redacção original com a redacção do processo e do martírio, como pretendem alguns estudiosos, pois não se pode excluir o facto de já aquela conter quaisquer particularidades não autênticas, que teriam passado para as redacções grega e latina.

Há uma parte que difere nas duas redacções—a morte de Agatónica. Considerou Franchi original a versão latina: Lietzmann, ao invés, a grega. O A. aduz a favor de Lietzmann o seguinte: a redacção grega teve uma maior difusão e foi a única conhecida em ambiente grego, no qual surgiu a redacção original. Por outro lado, não faz sentido que ela tivesse tal aceitação e se houvesse sobreposto à latina, sendo de influência montanista. A redacção latina — continua o A. — respeita uma modificação da exposição em sentido mais ortodoxo, e talvez a refundição se tenha feito em ambiente latino, sobre um texto também latino, que, no martírio de Agatónica, devia corresponder, nas linhas gerais, à redacção grega.

O quinto e último capítulo trata do exame de alguns problemas relativos aos *Actos* do Martírio de Fileias e Filoromo.

Possuímos como fontes de informação sobre o martírio e morte destes dois mártires, Eusébio, *Hist. Eccl.* viii, 9, 6-8 ; a tradução da *História Eclesiástica* de Rufino ; os *Actos* do martírio em grego e em latim.

Ao contrário dos *Actos* em língua grega, os latinos—sobretudo os que começam *imposito Philea super ambonem*—têm pelos estudiosos sido considerados dignos de crédito, representando o desenvolvimento do processo dos dois mártires. Desta fonte se teria também servido Eusébio. No entanto Schwartz nega-lhes valor, pois um longo passo dos *Actos*—desde *ille uelut...* [II, 11] até *gladio iubet* [III, 3]—aparece idênticamente em Rufino, o que o leva a concluir que os *Actos* são posteriores a este. Delehay, porém, é de opinião contrária, e vai até ao ponto de afirmar que é mais provável a hipótese de que fosse Rufino a copiar os *Actos*, e demonstra também que estes deveriam ter sido escritos primeiramente em grego e não em latim. Procurou ainda resolver o problema da data do martírio de Fileias e Filoromo que nos *Actos* vem colocada no ano de 307. Documentos, no entanto, aparecidos no Egipto, provam que foi destituído do cargo, em 305, o governador Culciano que presidiu ao martírio. Delehay considerou data do martírio o ano de 305, por achar que merecem mais confiança os documentos egípcios.

Diferentes, nalguns aspectos, foram as conclusões do A. Para este, os *Actos* são uma composição pós-eusebiana e de fraco valor. De facto, a análise do texto, no campo ideológico, e no aspecto linguístico, juntamente com o exame da parte dos *Actos* que aparece perfeitamente igual em Rufino, permite-lhe concluir o seguinte :

— A actual redacção dos latina *Actos* de Fileias e de Filoromo apresenta, ao lado dos passos que têm todo o cunho de autenticidade, expressões posteriormente interpoladas. Assim, a dificuldade relativa à data tradicional do martírio desaparece, se se considerar interpolado o nome de Culciano como magistrado que presidiu ao julgamento e cujo nome no cap. ix, 11, 4, Eusébio apresenta entre os governadores que exerceram com zelo a perseguição aos cristãos.

— Delehay, ao combater a tese de Schwartz, esquecera um pormenor importante: enquanto em Eusébio o cargo de Filoromo vem bem explícito «Filoromo... que ocupava um alto posto na administração imperial de Alexandria...», a personagem aparece nos *Actos* determinada por um rápido *uir agens turmarum*, interpretação errada da expressão *υπό στρατιώταις δορυφορον μένος* de Eusébio, que levou o autor dos *Actos* a supor que se tratava de um cargo militar.

— O autor de todo o passo, que é comum aos *Actos* e à tradução de Rufino, deve ser considerado o próprio Rufino.

— O passo de Eusébio sobre Filoromo e Fileias pode ser interpretado como alusão a dois martírios acontecidos separadamente, uma vez que se considera interpolada a narrativa sobre Filoromo. Certamente Eusébio, não intencionalmente, ao falar de Fileias associou particularidades de Filoromo cujo martírio acontecera numa época diferente.

A génese da actual redacção latina dos *Actos* de Fileias e de Filoromo e as

suas relações com os textos que examinou poderia, segundo o A., reconstituir-se da seguinte forma:

- 1 — *Actos* de Fileias em grego.
- 2 — Notícia de Eusébio sobre Fileias e Filoromo.
- 3 — Tradução de Rufino, que associou arbitrariamente os dois mártires e, por consequência, arbitrariamente também juntou todo o passo que diz respeito a Filoromo na narrativa do martírio de Fileias.
- 4 — Obra do interpolador, que, além de outras interpolações de sua mão, introduziu ainda nos *Actos* a narrativa do martírio que lera em Rufino.

MARIA DO ROSÁRIO CRISTÓVÃO

Manuel Marín y Peña, **Instituciones militares romanas**. Enciclopedia Clásica — II. Consejo de Investigaciones Científicas: Patronato Menéndez y Pelayo. Madrid, 1956. 516 pp. + 24 est. e 1 carta.

O segundo volume da *Enciclopedia Clásica*, iniciada com o *Arte Romano* de García y Bellido, intitula-se *Instituciones Militares Romanas*, e é da autoria de Marín y Peña, do Instituto «Isabel la Católica» de Madrid.

Acertadamente andou o Patronato Menéndez y Pelayo ao editar este trabalho, indispensável para quantos se dedicam ao estudo das instituições militares romanas. O interesse pela organização do exército de Roma antiga cresceu nos últimos anos ao ponto de se tornarem insuficientes obras que fizeram época e abriram caminhos, como sejam os trabalhos de Harster, Mommsen, Ritterling, Seeck, Baer, Cuntz, Homo... Mais recentemente apareceram estudos de Pagnoni, Birley, Gigli, Passerini, Vittinghoff, Forni, etc., para não falar numa multidão de artigos dispersos em revistas. Apesar de todo este interesse, não possuíamos na Península um livro que condensasse as fontes clássicas e o essencial do movimento presente. Como escreveu o Autor na introdução, «trata-se mais de uma obra de divulgação, em matéria sobre a qual não existe na nossa língua um tratado de conjunto, nem se acham ao alcance de qualquer leitor os estrangeiros, fora das bibliotecas importantes ou especializadas». Conseguiu-se de facto o objectivo previsto, não só quanto à ordenação